

## ENSINO-APRENDIZAGEM DA CONTABILIDADE DE CUSTOS: COMPONENTES, DESAFIOS E INOVAÇÃO PRÁTICA

Clarete de Itoz<sup>1</sup>  
Márcia Mineiro<sup>2</sup>

### RESUMO

É um desafio para os profissionais de Contabilidade, que não tem a sua formação voltada para a área de ensino, encarar uma sala de aula universitária. Os processos ensino e aprendizagem são processos distintos, porém articulados entre si. A aprendizagem é um processo individual que se realiza quando o sujeito aprendiz mostra as mudanças que ocorrem na sua conduta. Ensinar por sua vez implica em criar condições para que o aluno se relacione sistematicamente com o meio, ou seja, implica planejar e organizar circunstâncias apropriadas para que o aluno aprenda. Neste artigo foca-se o professor da área de Contabilidade, mais especificamente o professor da área de custos, por ser uma das matérias que mais se considera importante neste campo profissional além de estar em franca expansão sustenta-se, assim, a importância deste trabalho como um elemento de práticas aplicadas à teoria do ensino na Contabilidade de Custos. Discutem-se os fatores de aprendizagem nesta matéria como: a motivação e a resistência. E por fim traz-se uma dinâmica aplicada ao ensino da contabilidade de custos que poderá ser utilizada em outras matérias pela sua coerência e fácil adaptação. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica e documental em conjunto observações de experiências vivenciadas em sala de aula. Crê-se que se trata de um trabalho inovador do ponto de vista lúdico-pedagógico que trará mais respaldo e uma nova visão para a prática educativa na área de contabilidade custos.

**Palavras-chave:** Aprendizado, ensino, contabilidade de custo.

### ABSTRACT

It's a challenge for the Accounting professionals, who don't have their graduation into the teaching area, to face a college classroom. The teaching and learning processes are very distincts, however articulated between each other. The learning is an individual process that happens when the pupil shows the changes that have occurred is his/her own conduct. Teaching, on the other hand, implies on a creating conditions process so that the student can

get systemically relationated to the enviroment, it means, it implies on planning and organizing the perfect circumstances for the student to learn. In this article the focus is the professor of the Accounting area, more specifically the professor of cost area, because it is one of the most important subject considered in this professional field with a big expansion which stands firmly, this way, it gives the importance of this piece of work as an element of the aplicated practices to the teaching theory in the Cost Accounting . People discuss the reasons of learning in this subject as: motivation and resistance. In conclusion, it brings an aplicated dynamics to the Cost Accounting teaching that might be used in other subjects for its sense and easy adaptation. The methodology used was a documental and bibliographic review together with observations of lived experiences in the classroom. People believe that it's about a inovating work by the playful-pedagogical point of view which will bring more endorsement and a new vision of the educative practice in the Cost Accounting.

**Key-words:** *Apprenticement, teaching, cost accounting.*

### 1 INTRODUÇÃO

Aprender e ensinar são ações de tal importância nas nossas vidas que muito se tem feito no sentido de compreender a maneira como se processam. Eles são dois processos que acontecem distintos um do outro, mas que se integram quando a variável ensino acontece.

O processo ensino e aprendizagem na área de Contabilidade, mais especificamente a área de custos devem acontecer naturalmente buscando-se adaptar situações do cotidiano vivenciado pelo aprendiz com os estudos, fazendo com ele (o aprendiz) adquira habilidades, a fim de habituar-se a mudanças. Isso contribui para modificação de atitudes e comportamentos.

Para que o processo ensino/aprendizagem aconteça existem fatores de aprendizado que o direcionam: a necessidade; a motivação e a

<sup>1</sup> Professora do Curso de Ciências Contábeis da UNIRG – TO

<sup>2</sup> Professora na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB e Faculdade Independente do Nordeste – FAINOR

\* Trabalho apresentado no 17º Congresso Brasileiro de Contabilidade – Santos-SP. de 24 a 28/10/2004, pg. 29 (resumo).

resistência. A necessidade acontece quando alguém sente falta de algo, e isso faz com que o indivíduo haja para suprir essa condição que esta insatisfeita. A motivação é uma forma de comportamento pelo indivíduo visando atender a sua satisfação de uma ou mais necessidade.

Um fator preponderante para a realização das aulas, é o processo de planejamento do estudo. No ato de planejamento das aulas se deve levar em conta o ensino e aprendizagem como uma ação conjugada e nunca separada das pessoas que vão fazer parte do processo. A realidade é um fator a ser levado em conta na hora de se planejar a disciplina Contabilidade de Custos, devido sua importância para os estudos e para o mercado.

E um outro ponto que não faltar na hora de se preparar as aulas é a motivação, esta considerada aqui tanto da parte do docente como do discente. Por parte do docente pesa mais, pois ele é quem programa a disciplina para ensinar ao discente, é de certa forma é ele quem comandará o levar da carga. Na disciplina Contabilidade de Custos a dinâmica é importante, pois é uma matéria que precisa ser trabalhada com inovações e agilidade pela sua especificidade e característica.

## **2 O ENSINO DA CONTABILIDADE DE CUSTOS NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS: CONSIDERAÇÕES GERAIS**

A disciplina Contabilidade de Custos é uma disciplina obrigatória nos cursos de graduação de Ciências Contábeis, devido a mesma ser uma área opcional para o profissional exercer sua profissão.

Geralmente a disciplina é oferecida com a carga horária de sessenta horas semestrais, e dependendo do currículo disciplinar pode chegar a noventa horas.

A ementa da disciplina geralmente contempla os seguintes pontos a serem tratados: introdução a contabilidade de custos; princípios e terminologia contábeis aplicados aos custos; tratamento de receita e despesas na contabilidade de custos; custeamento e controle de material direto; mão-de-obra direta e indireta e dos custos gerais de produção; produção por ordem e produção contínua; sistemas de acumulação de custos; co-produtos e sub-produtos; relação custo-volume-lucro; custo padrão e análise de variâncias.

A disciplina dá ênfase a empresa totalmente industrial, mas o todo o conteúdo poderá ser utilizado em todos os segmentos empresariais como

empresas de prestação de serviços; comercial, entre outras.

Dependendo da carga horária do currículo adotado pela instituição, geralmente, são utilizados como tema, modelos de produção tradicionais dentro de uma abordagem simplificada, com o objetivo de tornar mais acessível o entendimento da matéria.

Na maioria das vezes, os estudos se limitam ao tratamento dos custos para fins de avaliação de estoques, informações de custos para tomada de decisão e custos para controle e avaliação de desempenho.

Na unidade que trata de custos para fins de avaliação de estoques são definidos os conceitos utilizados na disciplina, classificação e terminologia utilizada em custos. Outros estudos são direcionados para procedimentos de apropriação de custos, critérios de transferências e rateios de custos indiretos, centro de responsabilidade e sua aplicação em custos e sistemas de custeio de produção e produção por processo.

Na unidade relativa a custos para decisão são abordados além do conceito de margem de contribuição, o custeio direto em relação custeio por absorção, relação custo-volume-lucro e análise de ponto de equilíbrio, comportamentos dos custos fixos e utilização de custos visando decisão de produzir ou comprar.

Custos para efeitos de controle e planejamento são tratados numa terceira unidade que contempla custos padrão, cálculo e análise de variância da mão-de-obra direta, materiais e custos indiretos de fabricação.

A metodologia utilizada na condução da disciplina invariavelmente foge ao padrão tradicional das aulas expositivas que envolvem a discussão dos fundamentos teóricos e elaboração de exercícios.

Até por uma questão de lógica, quase as aulas são ministradas com pouca utilização de recursos áudio-visuais. Os estudos são baseados em estudos de caso simulados a fabricação e produção de produtos e serviços.

## **3 A QUESTÃO DA DIDÁTICA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA ÁREA DE CONTABILIDADE: BREVES COMENTÁRIOS**

O paradigma de uma didática definida, enquanto um conjunto de conhecimentos técnicos usados para transmitir algum conhecimento, tem sido gradualmente substituído pelo paradigma do

questionamento e/ou da problematização dos diferentes elementos que influenciam no processo de ensino-aprendizagem e dos que são por este influenciado.

Neste sentido se tem foco de atuação não apenas o “como fazer”, mas também “por quê? e para quem fazer?”. Então, não mais interessa pensar apenas que tipo de metodologia, aparato ou dinâmica se deve utilizar para dar uma aula; mas também, e principalmente, ter uma idéia clara de onde vou chegar a partir do caminho que escolher, tendo sempre em mente o alunado e a cultura com os quais devo me confrontar.

Verifica-se, então que a didática ultrapassa, ou melhor, transcende o espaço da sala de aula, podendo ser empregada sempre que em qualquer situação que se deseja transmitir um conhecimento qualquer a alguém, de forma que o mesmo possa entender o que você deseja que o outro compreenda.

Vinculando-se o conceito de didática com o de educação Nérici (1993:25) chega a seguinte conceituação

[...] didática é o estudo do conjunto de recursos técnicos que tem na mira dirigir a aprendizagem do educando, tendo em vista leva-lo a atingir um estado de maturidade que lhe permita encontra-se com a realidade, de maneira consciente, eficiente e responsável, para na mesma atuar como cidadão participante e responsável.

Neste sentido podemos falar que a educação e o ensino são orientados pedagogicamente através da didática, pois desta advém procedimentos que levem o educando a aprender algo, objetivando que este se forme cidadão consciente, eficiente e responsável.

Apesar de percebermos a nítida e estreita relação entre o ensino e a aprendizagem, ensinar não significa necessariamente aprendizado por parte do outro. A preocupação maior da didática reside justamente numa tentativa de “costurar” os dois processos, tentando fazer com que o ensino promova realmente o aprendizado. Percebemos que não podemos falar em didática sem associar ela ao ensino. Quem ensina ou deseja ensinar utiliza-se da didática para transmitir os ensinamentos.

O ensino e a didática são os pontos cruciais do processo da educação, pois conforme Nérici (1993:14) estes devem estar sintonizados na “*intenção* e

*na ação em direção à elevação espiritual do homem, a fim de torná-lo mais sensível com relação ao mundo que o cerca e aos seus semelhantes”.*

Tendo como premissa básica que a educação é a promoção do saber no indivíduo, então toda e qualquer ação educativa que não se preocupe em elevar o espírito do homem a uma ação, principalmente, científica do pensar em si e nos outros, se torna obsoleta.

Ainda, segundo Nérici (1993:15) ensino é a

[...] ativação do processo de aprendizagem, objetivando realizar no comportamento do indivíduo intenções do conceito de educação, estimulando, simultaneamente o indivíduo a orientar a sua própria aprendizagem, procurando a expressão aprender a aprender [...].

Num primeiro momento é importante salientar que o ensino sempre envolve alguma forma de interação,

[...], pois só é possível ensinar quando temos alguém a quem ensinar. O ensino sempre implica intercâmbio entre, no mínimo, dois indivíduos que se encontram de forma deliberada promovendo o ajuste de ambas as partes e do qual se espera algum tipo de resultado. (GODOY, 1998:38)

O aprender, por sua vez, caracteriza-se como um processo que ocorre nos indivíduos provocando mudanças de comportamento que não sejam produtos da maturação, portanto, a interação de natureza educativa envolve: o docente, o aluno, a ação de ensinar, e a ação de aprender.

O ensino na universidade caracteriza-se segundo Pimenta (2002:103) “*como um processo de busca e de construção científica e crítica de conhecimentos*”. E para isso pressupõe-se que o professor universitário domine um conjunto de conhecimentos, métodos e técnicas científicas que devem ser empregados com o intuito de levar o educando a uma progressiva autonomia na busca de conhecimentos, e ao desenvolvimento da capacidade de reflexão para que o mesmo se faça valer de domínio científico e profissional do campo específico.

Uma questão é bastante debatida na área pedagógica, é sobre a formação do docente superior, considerando neste caso que na maioria das

vezes o mesmo tem formação profissional não voltada especificamente para o ensino, como é o caso do professor da área de Contabilidade, mas que acaba por assumi-lo, em tempo parcial ou, até mesmo com dedicação exclusiva. Esses professores adentram o campo da docência no ensino superior como decorrência natural de suas atividades, e supõe-se que os mesmos trazem consigo uma imensa bagagem de conhecimentos na sua respectiva área de atuação profissional.

A maioria dos professores das disciplinas de Contabilidade, por serem profissionais que não tem uma formação voltada para o ensino, carecem e limitam-se na transmissão de conteúdos práticos (sua área de atuação) com pouca e ou nenhuma teoria integrada a investigação (pesquisa científica), já que o ensino superior tem como um dos seus principais objetivos a pesquisa, e a formação intelectual de profissionais de nível universitário.

A pesquisa, em termos amplos é definida por Kourganoff, *apud* Godoy (1998:24) como sendo “o esforço de natureza teórica ou prática que tem por objetivo a descoberta de novos conhecimentos, a invenção de novas técnicas, e a exploração ou a criação de novas realidades”, ficando assim caracterizada como uma atividade produtora de novas idéias.

As palavras de Demo citado por Godoy (1998:25) podem melhor explicitar o ponto central que orienta a atividade do professor universitário.

[...] somente tem algo a ensinar quem pesquisou, quem possui contribuição própria no campo da especialização, quem anda com os próprios pés e não se reduz a mero discípulo ou alto-falante...A qualidade da universidade é, em parte, nada mais que a qualidade do professor, definido como aquela pessoa que tem como inspiração diária a pesquisa, dentro de sua especialidade, norteando através disto sua docência e sua prática social....e o professor autêntico é aquele que tem como vocação básica e exclusiva a pesquisa [...].

Ou seja, ainda que o ensino superior exista para ensinar, na realidade a carreira universitária está calcada, essencialmente, na atividade de pesquisa do professor.

Para melhor compreendermos o que é didática, é importante entendermos seu objeto de estudo: isto é, processo ensino-aprendizagem. Cabe em primeiro lugar ressaltar que estamos falando de dois processos distintos: ensinar e aprender.

#### 4 O PROFESSOR DE CONTABILIDADE DE CUSTOS E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Segundo Gil (1997:29) *o processo de ensino e aprendizagem é uma questão de ênfase que o professor coloca numa ou noutra faceta, pois ambas estão indissociavelmente ligadas*. Assim, os que concentram sua ação no ensino estão se valendo de conceitos baseados em: instrução, transmissão de conhecimentos e outros indicadores do professor como elemento principal do processo.

Para Freire (2000:29) neste mundo globalizado em que ideologias se escondem em palavras, à sociedade necessita de docentes que saibam dialogar, pois somente uma interação aluno-professor aumentará a amplitude visual de indivíduos que têm sede de transformações, explica que o professor não transmite apenas conteúdos, mas também ensina a pensar certo, além de saber escutar, pois é escutando que ele aprende a falar com os alunos. Diz ainda (2000:52) ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria construção.

A discussão do pensamento de Vygotsky (1997:32), o desenvolvimento cultural da criança aparece segundo a lei da dupla formação, em que todas as funções aparecem duas vezes: primeiro no nível social e depois no nível individual; ou seja, primeiro entre as pessoas (interpsicológica) e depois no interior da criança (intrapicológica). Poder-se-ia assim dizer que o desenvolvimento cultural do aluno, assim como, sua aprendizagem, se dá mediante o processo de relação do aluno com o professor ou com outros alunos mais competentes.

Nesse processo, a aprendizagem se produz, pelo constante diálogo entre o exterior e interior do indivíduo, uma vez que para formar ações mentais tem que partir das trocas com o mundo externo, cuja da interiorização surge a capacidade das atividades abstratas que a sua vez permite elevar a cabo ações externas.

O que nos faz pensar que esse processo de aprendizagem se desenvolve do concreto (segundo as variáveis externas) a abstrata (as ações mentais), com diferentes formas de manifestação, tanto intelectual, verbal e de diversos graus de generalizações e assimilações.

Por outro lado, aqueles que concentram seus atos somente na aprendizagem evocam conceitos fundamentados na: descoberta, apreensão, aquisição de conhecimentos e outros aspectos que se referem diretamente ao aluno.

O processo de ensino da Contabilidade, focalizando aqui a área de Custos, e se pré-valorando das idéias centrais dos autores acima citados, todo e qualquer método a ser utilizado o foco deverá ser no aluno no sentido de envolvê-lo com o processo ensino-aprendizado tornando-o um sujeito com pensamentos mais críticos, fomentando a sua auto-iniciativa de descobrimento de novas idéias.

Citando Marion (2001:36) o mesmo menciona a Universidade de Illinois numa recente reestruturação do currículo do curso de Ciências Contábeis, esta enfatiza “[...] métodos e habilidades que permitem ao aluno questionar, analisar, julgar e tomar decisões”. Para que o aluno seja um sujeito imbuído dessas habilidades, o professor deverá ser um indivíduo incentivador da construção do conhecimento baseado em aprendizagem.

Neste sentido, um cuidado que o professor deve tomar é não ser apenas um codificador de livros textos. Para o ensino-aprendizagem da Contabilidade ele deverá juntar a experiência prática, vivenciando e interpretando dessa forma, juntamente com os alunos, aquilo que os textos tentam explicar. Se nos textos estão as teorias que tentam explicar a prática, cabe ao instrutor do processo, o professor, esclarecer a prática da teoria.

Assim, seguindo estes passos fica para trás a educação baseada na memorização e surge outra, na qual o aluno aprende a aprender. A meta é fazer com que, além dos conteúdos, os alunos saibam fazer análises, estabelecer relações, levantar hipóteses.

Portanto, é necessário falar em reflexão sobre a prática, já que ela acontece espontaneamente. Refletir nem sempre é sinônimo de pensar. Longe de ser algo aleatório, implica método e regularidade. Mais que isso, pressupõe uma intenção: solucionar problemas, tomar decisões, avaliar o próprio trabalho, organizar as idéias, compreender o que está acontecendo. “*Visa dar sentido à prática*”, resume Perrenoud (1999:75).

É, portanto, o momento de rejeitar experiências que não deram certo, reiterar as bem-sucedidas, encontrar alternativas. “*Profissionais reflexivos são mais autônomos*”, afirma Perrenoud. Não se contentam com o que aprenderam durante a formação inicial; reexaminam constantemente seus objetivos, procedimentos, evidências e saberes, num ciclo permanente de aperfeiçoamento. “*Fazem perguntas,*

*tentam compreender seus fracassos, projetam o futuro, mudam de idéia, enfim, buscam o como e o porquê das coisas*”.

## 5 FATORES DE APRENDIZADO: NECESSIDADE, MOTIVAÇÃO E RESISTÊNCIA

O discente e o docente-educador são sujeitos que estão inseridos em um ambiente e dentro dele se constroem. Alguns elementos devem ser levados em conta neste sentido: \* A aprendizagem está relacionada com uma série de fatores externos e com condições pessoais do discente; \* Toda aprendizagem precisa ser significativa para se efetivar; \* Cada discente é único, ou seja, deve-se considerar os alunos como homogêneos, capazes de aprender todos da mesma forma, é no mínimo um posicionamento discriminatório para com a diversidade humana.

Há fatores que limitam o aluno, tais como: \* tempo; \* ambiente de estudo em casa; \* saúde; \* deficiência de aprendizagem anterior adquirida; \* concentração; \* problemas familiares; \* desemprego, entre outros.

Há ainda características negativas do ensino-aprendizagem presentes nos alunos apontadas por muitos professores: \* Muitos alunos em pouco espaço; \* alunos imaturos e irresponsáveis; \* falta de real vocação para o curso em questão (por isso muitos alunos se tornam desajustados – apáticos ou hiperativos – e desinteressados); \* alunos sem hábito de estudar ou pensar por conta própria (não – autônomos); \* alunos sem base suficiente para um curso universitário ou para a disciplina em questão (no caso da Contabilidade de Custos um aluno que não domine bem Contabilidade Geral está fadado a dificuldades de aprendizagem); \* muito valor atribuído à nota e ao diploma e pouco ao conhecimento.

Esta perspectiva está mais ligada à ausência da aprendizagem, ou seja, na presença ou não dos fatores supracitados os alunos podem apresentar um déficit de aprendizagem. Todavia, focalizando a aprendizagem e o que propicia que a mesma ocorra, algumas abordagens têm sido consideradas importantes: necessidades, motivação e resistência.

A necessidade pode ser entendida de forma simples como sendo “falta de alguma coisa que se estivesse presente, teria contribuído para o bem-estar do organismo. É uma condição atuante, e com frequência, é sentida quando está faltando, uma força que organiza o comportamento, conduzindo o indivíduo a agir (ou não agir) de certa forma para suprimir uma condição insatisfeita” (SUPER, 1972:40)

É indiscutível a necessidade do aluno do curso de Ciências Contábeis saber Contabilidade de Custos, uma vez que esta é um ramo contábil de extrema projeção contábil, empresarial, decisória e perpassa ainda o sucesso administrativo público. Trata-se de um vasto campo de conhecimento, da pesquisa e da atuação do profissional contábil.

A pedagogia moderna tem como pilar a sua relação com a realidade contemporânea e os conteúdos significativos. De tal forma que o aluno ao perceber a artificialidade e a não aplicabilidade do currículo a ser estudado, não sente necessidade de aprender aquele conteúdo e estuda-o de forma vazia, somente para a obtenção de notas. Compreende-se assim que só conteúdo relevante é capaz de ser aprendido.

Favorecer a autonomia é um outro fator que leva ao aprendizado. “O que caracteriza a América Latina de hoje no plano da cultura é a súbita descoberta de que tudo é questionável, de que as velhas explicações eram justificações, de que tudo deve ser repensado” (RIBEIRO *apud* BORDENAVE, 1998:15). Os mestres precisam repensar os conteúdos, bem como os alunos, precisam tomar iniciativa de estudar pelo simples gosto de aprender, precisam localizar e discutir dúvidas, assumir dificuldade na aprendizagem e apontar soluções, precisam desenvolver estes hábitos porque estão acostumados a receber tudo pronto, sem questionar crendo que se trata de uma verdade absoluta. Da mesma maneira que os professores não estão acostumados a serem questionados e se creem donos da verdade.

Segundo Bordanave (1998:40) se quer ensinar o assunto “X” a um aluno os fatores por parte do aluno que intervêm nesta operação são basicamente dois: o seu desejo de aprender o assunto (motivação) e os conhecimentos que ele já tem que lhe permitirão aprender “X”. Em acordo a isso, depreende-se que a motivação não parte de fora para dentro, mas sim de é intrínseca ao discente, diferentemente do incentivo que é exógeno e pode ser criado e fornecido pelo professor.

Entende-se que há atualmente uma confusão na terminologia, a palavra motivação vem sendo empregada como algo capaz de ser criada no aluno pelo professor, ou seja, vem sendo usada como sinônimo de interesse que o professor desperta no aluno para que o mesmo se digne a aprender os conteúdos de sua disciplina.

O estudo dos componentes e fatores que impulsionam as pessoas a tomarem determinadas ações voltadas para metas pré-estabelecidas é também denominado de estudo da motivação.

Chiavenato (1997:163) expõe que a “motivação, no sentido psicológico é a tensão persistente que leva o indivíduo a alguma forma de comportamento visando à satisfação de uma ou mais determinadas necessidades” Tal tensão já está presente no indivíduo, mesmo que latente, ou seja, não pode ser criada, mas sim “acordada”, estimulada.

Fita (2000:77) afirma que a motivação é “um conjunto de variáveis que ativam a conduta e a orientam em determinado sentido para poder alcançar um objetivo.”

De maneira a sintetizar, Gagné *apud* Fita (2000:77), pontua que “a motivação é uma pré-condição para a aprendizagem”.

A atitude que cabe, então, ao docente é de estimular, despertar o interesse, aí sim já devidamente explicado o termo ‘motivar’. Em princípio identificar o que motiva seu aluno. Autores como Fierro, 1990; Sole 1993 abordados por Fita (2000:78-79), relacionam quatro grandes classes de motivação para as atitudes de ensino e aprendizagem e que são apresentadas aqui de forma resumida e já direcionada para a Contabilidade de Custos.

| TIPO DE MOTIVAÇÃO | DESCRIÇÃO  |
|-------------------|--|
| Intrínseca        | Aparece quando o próprio tópico da matéria custos ou a disciplina em si desperta no discente uma atração que o impulsiona a se aprofundar nas questões pertinentes. O reforço motivacional se dá à medida que o aluno avança no conteúdo.  |
| Auto-estima       | Aparece quando o discente tem seu nível de auto-estima afetado por seus êxitos e fracassos no processo de aprendizagem. A tentativa de aprender determinado ponto da Contabilidade de Custos quando exitosa forma no aluno uma idéia positiva de si mesmo que gera no mesmo uma autoconfiança capaz de impulsioná-lo a buscar cada vez mais conhecimentos. |
| Social            | Aparece quando o discente se sente impulsionado a aprender para sua satisfação advinda dos outros colegas, professores, grupos sociais que o aluno considere como superiores a ele.  |
| Recompensatória   | Aparece quando o discente só se sente interessado em aprender a Contabilidade de Custos por motivos de ordem externa. Ele receberá prêmios, dinheiro, presentes, nota se alcançar o objetivo de aprender a matéria que se propõe.  |

Quadro 1 – Classes de motivação para as atitudes de ensino e aprendizagem

No sentido de auxiliar os docentes no diagnóstico motivacional das metas impulsionadoras de seus discentes e, conseqüente direcionamento de sua prática didática, pode-se, além destas quatro grandes classes motivacionais, apontar dois tipos de alunos segundo suas metas motivacionais: alunos centrados na meta 'aprendizagem' e alunos centrados em metas egocêntricas.

Os alunos preparados desde cedo para serem indivíduos autônomos, freqüentemente motivam-se pelo conhecimento, buscam aprender por encontrarem sua satisfação nele, diferentemente de indivíduos de metas egocêntricas.

O quadro abaixo denota a diferença entre estes alunos, o mesmo foi adaptado para Contabilidade de Custos a partir dos autores Fita e Tápia (2000) da compilação feita por Fernández Pérez (1994).

Abreu (1990:50) explica que estratégias "são os meios que o professor utiliza em sala de aula para facilitar a aprendizagem dos alunos, ou seja para conduzi-los em direção aos objetivos daquela aula, daquele conjunto de aulas ou daquele curso". Ainda sobre o mesmo termo, a autora complementa dizendo que o mesmo é amplo e inclui o que se chama de metodologia de sala de aula, de técnicas de ensino, de técnicas pedagógicas, de métodos didáticos, que o termo vai desde a arrumação dos móveis na classe, do material a ser usado, dos recursos visuais, em suma "todas as atividades que serão pedidas aos alunos, e as do professor que serão necessárias para complementar, iniciar, organizar ou sintetizar essas atividades dos alunos tendo em vista uma aprendizagem". (ABREU, 1990:51)

| SITUAÇÕES RELACIONADAS COM A APRENDIZAGEM DA CONTABILIDADE DE CUSTOS   | ALUNOS CENTRADOS NA META APRENDIZAGEM  | ALUNOS CENTRADOS EM METAS EGOCÊNTRICAS  |
|--|--|---|
| 1. Quando aparece o primeiro questionamento, e/ou desafio, e/ou controvérsia bibliográfica. O aluno se questiona...      | "Como posso resolvê-lo?"   | "Eu posso resolvê-lo?"  |
| 2. Durante a execução de uma atividade prática de alocação de custos. O foco da atenção do aluno está...                 | No processo de realização  | No resultado da atividade   |
| 3. Quando o aluno incorre em um erro o que ele pensa...  | Isto é algo natural e com este erro aprendi mais do que se tivesse acertado"   | "Fracassei! Não sou tão inteligente. Contabilidade de Custos é muito difícil mesmo, por isso nem me esforçando eu vou aprender"   |
| 4. Diante da incerteza ou da dúvida gerada por algum tema...   | O aluno encara como sendo um desafio que ele vai vencer, é um estímulo a mais.   | O aluno encara como sendo uma ameaça ao que ele já conseguiu prender, é um perigo sistemático.  |
| 5. As atividades práticas e/ou teóricas que são preferidas pelos discentes são aquelas...                                | Com as quais ele mais aprende, não importa o nível de dificuldade.   | Com as quais se pode brilhar com menos esforço.   |
| 6. Quando o professor sugere uma pesquisa o aluno procura...   | Inovar frente aos textos já existentes, lê de descobrir o que ele já sabe e o que ignora para melhorar seu nível de conhecimentos através da pesquisa. | Copiar o mais fiel possível aos textos já existentes, além de buscar elogios sobre seus êxitos, sobre seu resultado final, preferencialmente sob a ótica da aparência estética. |
| 7. Com relação às normas estabelecidas pelo docente para mensurar a aprendizagem, o aluno prefere que as mesmas sejam... | Pessoais, flexíveis, ocorridas durante o processo e a longo prazo.   | Em grupo, rígidas, rápidas, pontuais e imediatistas.  |
| 8. Para o discente a figura do docente...  | É aquela que ajuda, que orienta, que assessora e partilha o conhecimento.  | É aquela de juiz, uma pessoa que detém o poder, é o sancionador do processo.  |

Quadro 2 – Diferenças situações relacionadas com a aprendizagem da contabilidade de custos

A outra atitude do docente, além da busca pela compreensão motivacional e após a detecção do estilo motivacional dos seus alunos, é usar diversas ferramentas que incentivem o discente a buscar, a querer o aprendizado, a senti-lo significativo.

Que ferramentas são essas afinal? São os instrumentos que possibilitam uma comunicação integral, são estratégias.

Há uma crença velada de alguns professores de que quanto mais complicadas as estratégias, melhor o nível de ensino-aprendizagem. Já para outros nenhuma estratégia é necessária, o que importa mesmo é que o professor saiba sua matéria, eles fazem a opção pelo ensino e não pela aprendizagem e se mantêm resistentes a qualquer inovação pedagógica que traga o aluno como sujeito do processo. Trata-se na realidade de dois paradigmas: um do exagero e outro da ausência.

O bom professor deve primar pelo bom senso, há que inovar buscando o enriquecimento estimulador das estratégias sem, contudo exceder-se nesta prática, para não correr o risco de que seu curso se transforme numa feira de estratégias que acabam por gerar confusão na cabeça do aluno, aí a intenção dinamizadora se esvai e não permite o *feed back* dos alunos.

Vantagens no uso, pautado no bom senso, de estratégias não faltam: \* as aulas são mais dinâmicas (o que estimula diretamente o aluno a interessar-se por custos); \* o curso é desafiador para alunos e para o professor, na medida em que exigem uma permanente renovação de conhecimentos; \* há maior flexibilidade e criatividade ao dar a aula; e \* uma permanente avaliação da eficiência das decisões tomadas ao planejar as estratégias.

Mesmo com tantas vantagens sempre surgem as resistências às mudanças e inovações, seja por parte dos professores, seja por parte dos alunos.

O costume e a tradição da aula expositiva, chamada de educação “bancária”, faz com que muitos mestres já acostumados com suas preleções e quadro e giz, sejam avessos ao uso de estratégias, pois crêem que já fazem isto há muito tempo e com sucesso e não têm necessidade de ousar o novo, mesmo se este novo comprovadamente funciona: assim que por vezes, um professor dinâmico e inovador é preterido por seus colegas pois representa uma ameaça a suas aulas, uma vez que desperta a atenção dos alunos que passam a pressioná-lo a mudar – exatamente o que ele não quer fazer.

A resistência por parte dos alunos também existe. Práticas dinâmicas exigem dinamismo do aluno também, que precisa sair de sua atitude passiva em relação à aprendizagem para se tornar autônomo e sujeito-agente. Não mais receberá tudo esmiuçado, mas precisará construir e repensar o saber, o que dá muito trabalho para o aluno acomodado, que passa então, a solicitar ao professor “menos atividade e mais conteúdo”, uma vez que desconhece por completo os caminhos e objetivos do processo do conhecimento.

Há ainda nos cursos de Ciências Contábeis do turno noturno um agravante ao fator resistência: trata-se do aluno-trabalhador, que está permanentemente cansado, sem tempo, com sono, sem ânimo, presente na aula em corpo-físico, mas não de corpo

e alma, encontra-se tão acostumado a somente se apropriar do conhecimento pronto e absoluto que procura se eximir das atividades edificantes do aprendizado.

Cabe ao professor-educador, firme em seus conceitos e práticas, ao detectar estas resistências demonstrar os objetivos, as vantagens, adaptar e fazer com que os alunos se adaptem, ser autêntico e verdadeiro e fazer ver a relevância da Contabilidade de Custos, da prática adotada, seu gosto pelo que faz e os resultados que se pode alcançar.

## 6. REVENDO OS CONCEITOS DOS CONTEÚDOS DA CONTABILIDADE DE CUSTOS

O objetivo principal da contabilidade de custos e seus sistemas de apuração são fornecer ao usuário informações que suportem as decisões para controle e planejamento do processo decisório. Ou seja, é traduzir o processo de produção em relatórios gerenciais úteis para a administração da empresa. Para tanto o sistema de custos adotado deve ser compatível com tempo e tecnologia existente nos meios de produção. Caso contrário, poderá haver dicotomia entre o que ocorre de fato na produção e sua tradução pelo sistema de custo.

Por outro lado, o ensino da contabilidade de custos deve oferecer ao estudante referenciais que o possibilite a entender o sistema de produção e seus sistemas de custeamento e elaboração de informações válidas para a tomada de decisão. Estes referenciais precisam ser, necessariamente, verdadeiros, e estar em consonância com que de fato ocorre no chão-de-fábrica, pois qualquer fato fora deste contexto pode representar um mero exercício de aprendizado dissociado de sua utilização prática.

É oportuno considerar, que a discussão em torno da importância prática do ensino da contabilidade de custos não deve se restringir apenas a conteúdos programáticos, posto que o centro da questão da questão não está ligado a uma mera discussão de validação de programas, mas sim, e sobretudo, da abordagem que se executa dos conteúdos programáticos no interior dos cursos.

Por outro lado, o questionamento sobre a validade dos conceitos comumente utilizados na disciplina, necessita de uma análise mais aprofundada de se fazer quaisquer julgamentos que possam gerar conclusões precipitadas. O caminho parece ser

o da busca por uma utilização adequada desses conceitos à luz da realidade atual de produção. A maioria dos conceitos e técnicas utilizadas nos modernos sistemas de custeio foram desenvolvidas e tornaram-se de domínio público há pelo menos um século atrás, o que demonstra que os fundamentos teóricos continuam válidos tanto é que são empregados nos sistemas de custeio atuais dentro de uma abordagem mais eficaz.

As deficiências do ensino da contabilidade de custos não devem se resumir ao conteúdo dos cursos e nos fundamentos teóricos, embora se deva continuar a analisar criticamente sua utilização. O cerne do problema está na abordagem e no universo em que são inseridos, universo este claramente ultrapassado frente aos modos de produção atual.

É patente que a aprendizagem para acontecer precisa ser relevante, isso exige que a mesma esteja pautada em uma prática que se relacione com o universo dos conhecimentos, experiências, vivências, que permita um confronto experiencial como problemas práticos, de natureza profissional, ética e social de extrema relevância, que permita o acesso à responsabilidade e que suscite mudanças.

Abreu (1990:49) propõe uma questão altamente reflexiva e que permite ao docente estruturar suas estratégias da melhor forma possível: “Como é que eu posso dar esta aula para meus alunos melhor alcançarem os objetivos de aprendizagem propostos para ela?”

Além disso, urge perguntar-se: Vou saber aplicar essa técnica? Já a planejei integralmente e revisei-a exaustivamente a ponto de sentir-me seguro em aplicá-la?

Com estes questionamentos é possível dar início a uma práxis nova nas aulas de Contabilidade de Custos.

Segundo Menegolla (2001:59) plano de curso é [...] a organização de um conjunto de matérias, que vão ser ensinadas e desenvolvidas em uma escola, durante um período relativo à extensão do curso em si, exigido pela legislação ou por uma determinação explícita, que obedece a certas normas ou princípios orientadores.

O plano de curso pode ser considerado, ainda, como um conjunto de elementos que constituem a organização estrutural de um determinado evento promocional, em relação à educação, ao ensino, ou

à aprendizagem de alguma profissão, atividades, ou o desenvolvimento de habilidades específicas, dentro de um campo geral ou específico.

Quem elabora o plano de curso é a própria entidade que o oferece, sendo exigido na hora de sua implantação. O trabalho do professor no caso do curso já estar implantado é fazer o plano da disciplina em consonância com o plano de curso.

A UNESCO, em 1968, alertava, na oportunidade, os especialistas em planejamento, para o seguinte:

[...] estar cada vez mais consciente de que um planejamento educacional realista e eficaz supõe a informação e a consulta ao conjunto da sociedade, e de ele próprio se constituir num instrumento de democracia e educação.

No planejamento da disciplina de contabilidade de custos, dever-se-á levar em conta o resultado de uma ação conjunta e participativa das pessoas que vão se envolver no processo. Ele deve ser fruto de um ato democrático, em que professor e alunos possam partilhar das decisões e responsabilidades.

O ato do planejamento deve ser ação conjugada e não separada e exclusiva, deve ser ainda, algo democrático e participativo onde a discussão de todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem devem agir e interagir, durante todo o processo.

O planejamento na área da educação não deve ser visto como algo que vai decidir a vida para pessoas, mas sim algo que vai levar o sujeito a descobrir uma melhor forma de vida para elas.

Um bom planejamento da disciplina deve levar em conta: o realismo, a funcionalidade, a simplicidade, a flexibilidade e a sua utilidade.

A realidade é um dado que nenhum plano de disciplina deve conter. Para quem se esta planejando? Onde está inserida a comunidade discente? Qual o público alvo que se pretende atingir. As aulas/atividades vão ser desenvolvidas em que momento do dia. A reflexão da situação deve ser para uma situação concreta e determinada para que o plano não se torne inviável, inexecutável, obscuro, portanto, impraticável, sem validade e aplicabilidade.

Todo o plano de ensino, estruturado de forma complexa, até pode ser funcional para o professor, mas poderá ser deficiente para o aprendiz dos

alunos. Sendo este plano um instrumento orientador para o professor e aluno o mesmo deve ser um instrumento de fácil execução e com objetividade para ambos.

O plano de ensino deve ser o orientador de toda a linha de ação na sala de aula, tanto para professor como para os alunos. Para que ele se torne um instrumento orientador uma série de elementos como os conteúdos, as atividades, os recursos e a avaliação devem estar inseridos nele, e estes deverão estar claros e de forma simplificada para se tornarem compreensíveis e viáveis aos seus agentes, pois sua compreensão facilita a sua execução.

A flexibilidade é uma característica de fundamental importância para os planos de ensino, tornando-os mais realistas e possíveis de serem adaptados às novas situações não previstas, que possam ocorrer no decorrer do processo.

A utilidade de qualquer plano de ensino vai depender da possibilidade de transformação e em que nível se processa esta transformação no aluno. Toda a mudança que não seja significativa e profunda deve passar ser destituída de qualquer significado. Para ser útil e significativo, antes de tudo, deve ser estruturado atendendo as reais urgências e necessidades dos alunos.

## 7 UMA DINÂMICA APLICADA AO ENSINO DA CONTABILIDADE DE CUSTOS: OBJETIVOS, PROCEDIMENTOS, CONTROLE E AVALIAÇÃO.

Em tempos de computação, internet e agilidade de informações, o aprendizado segue a mesma proporção de dinamismo e não se enquadra mais na secular atividade de ensino focalizado na transmissão unilateral do saber absoluto e inquestionável sob o método expositivo.

Na face das Ciências Contábeis reluz inovações e agilidade em seus procedimentos e nas atitudes dos profissionais, por que então, os professores não implantam e não buscam a todo tempo a dinâmica, atitudes motivacionais e inovações ludopedagógicas? Por resistência ou por desconhecimento?

Ao longo deste trabalho discutiu-se a validade e a importância das atitudes motivacionais, fez-se um levantamento do processo de ensino aprendizagem e o papel do professor, especificamente focalizando a Contabilidade de Custos, bem

como reviu-se a necessidade de planejamento educacional para garantir a qualidade do ensino e da aprendizagem.

A continuação apresentar-se-á uma técnica de dinâmica de grupo a ser usada nas aulas de Contabilidade de custo e/ou adaptada às aulas de Contabilidade seja qual for a disciplina, dependendo tão somente da criatividade do docente.

Seria uma idéia descabida crer que somente uma técnica resolveria os problemas que se encontram no ensino, ela é tão somente um passo inicial em direção à busca pelo prazer da aprendizagem e do ensino. Vale deixar claro, que o uso de dinâmicas não deve ser feito de maneira aleatória, inflexível e dissociado de objetivos pedagógicos sem uma compreensão de suas limitações e amplitudes.

A técnica aqui descrita, e que já foi utilizada com êxito em turmas de Ciências Contábeis de universidades da Bahia e Tocantins, foi sistematizada de forma genérica pelo professor Antunes (2002) e foi adaptada para a Contabilidade de Custos tendo em vista especificidades da disciplina e dos alunos.

A dinâmica é denominada "Autódromo", entretanto os alunos carinhosamente apelidaram de "Fórmula 1" (é o que acontece quando ocorre afetividade na aprendizagem o educando fica tão próximo do processo que sente a liberdade de trocar até o nome para um mais familiar). Ela tem como objetivo fixar um conteúdo previamente exposto e estudado. Tem cinco etapas nesta adaptação, a saber: a formação de equipes ("escuderias"), a explicação das regras e penalidades, a corrida, a premiação, a avaliação-reflexiva.

Veja a continuação no quadro 3 o quadro-resumo das especificações da "Fórmula 1".

| ITEM   | ESPECIFICAÇÃO  | OBSERVAÇÃO   |
|--|--|--|
| Tempo  | + ou - 2 aulas de 50 minutos   | É mais interessante quando se tem aula geminada.   |
| Nº de componentes por equipes                                    | Mínimo de 5 máximo de 7  | Muito pequenas as equipes saem prejudicadas na discussão, muito grandes a discussão fica monopolizada pelos alunos mais extrovertidos. |
| Material (supondo uma turma de 30 alunos, com 5 equipes de seis) | 30 Balões de aniversário (cor única e ou sortida), aparelho de som, CD de música, 5 conjuntos de cartões feitos de cartolina, no estilo Verdadeiro ou falso ou múltipla escolha) |  |

Quadro 3 – Dinâmica denominada "autódromo" aplicada para o ensino da contabilidade

### Etapa 1: Formação das equipes

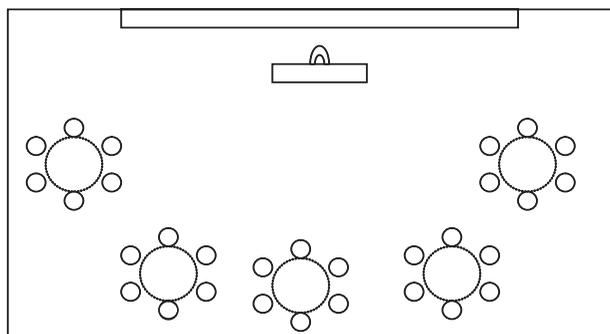
É comum nos trabalhos em grupo existirem “grupos permanentes” há vantagens quando se tratarem de atividades extra-classe e os participantes residirem próximos uns dos outros, os integrantes já se conhecem melhor e têm uma afinidade maior, entretanto passam a se acomodar e não interagem com os outros colegas, deixam de conhecer visões diferentes e percepções diferentes. No intuito de ampliar a integração da turma é que para a formação dos grupos o professor deve escrever o nome das equipes a serem formadas, de acordo com o número de componentes das equipes, por exemplo, veja a Quadro 4.

|          |   |          |   |          |   |          |   |          |   |          |   |
|----------|---|----------|---|----------|---|----------|---|----------|---|----------|---|
| Beneton  | 1 | Beneton  | 2 | Beneton  | 3 | Beneton  | 4 | Beneton  | 5 | Beneton  | 6 |
| Ferrari  | 1 | Ferrari  | 2 | Ferrari  | 3 | Ferrari  | 4 | Ferrari  | 5 | Ferrari  | 6 |
| Jordan   | 1 | Jordan   | 2 | Jordan   | 3 | Jordan   | 4 | Jordan   | 5 | Jordan   | 6 |
| McLaren  | 1 | McLaren  | 2 | McLaren  | 3 | McLaren  | 4 | McLaren  | 5 | McLaren  | 6 |
| Williams | 1 | Williams | 2 | Williams | 3 | Williams | 4 | Williams | 5 | Williams | 6 |

Quadro 4 – Formação das equipes para a dinâmica autódromo

Estes papezinhos serão recortados e colocados dentro de balões de aniversário. Sob comando do professor os alunos encherão os balões e amarrarão os mesmos ao ouvirem uma música deverão brincar com o balão e quando a música parar deverão trocar o balão com o colega que estiver mais perto dele, este procedimento da música deve ser repetido por 3 vezes. Ao final o professor solicita que os alunos estourem-no e o papelzinho que está dentro do balão representa a “escuderia” que ele compõe e o número representa a ele enquanto piloto da equipe. (Por exemplo: um aluno que tenha ficado com o papel “Jordan 4” faz parte da equipe Jordan e é o piloto nº 4). Os componentes das mesmas equipes deverão se organizar e sentarem juntos.

Formadas e acomodadas às equipes, a sala de aula passará a ter mais ou menos a disposição presente no Quadro 5.



Quadro 5 – Disposição dos alunos em sala de aula

### Etapa 2: Explicação das regras e penalidades

Este passo é essencial para o bom andamento da atividade, nela os alunos visualizam a importância e os procedimentos da técnica.

Haverá duas variações no formato da técnica em que o professor deve optar por aquele que lhe seja mais conveniente.

1. Ela poderá ser baseada em afirmações para repostas do tipo verdadeiro ou falso (vide modelo de questões 1 no quadro 6);
2. Ou poderá ser baseada em questões de múltipla escolha (vide modelo de questões 2 no quadro 7)

No primeiro caso o professor, com base no conteúdo previamente estudado elaborará um rol de sentenças verdadeiras ou falsas. A quantidade de questões varia conforme a extensão do assunto e ao tempo disponível, a exemplo: 20 sentenças possibilitarão 10 corridas (ou rodadas). Após lido o par de questões da rodada os alunos têm 20 segundos para apresentar uma resposta, estrategicamente o professor deve ler claramente, porém um pouco mais rápido que o normal e não deve repetir, provocando assim uma atenção mais aguçada.

No segundo caso, o professor também respaldado no conteúdo explanado elaborará um rol de questões de múltipla escolha. Cada questão implica em uma rodada/ corrida e o tempo de resolução e apresentação de resposta fica a cargo do professor estabelecer respeitando o nível de complexidade de cada uma.

Há ainda a possibilidade de mesclar as questões para aumentar o nível de dificuldade da dinâmica, neste caso o professor munirá a equipe com 2 conjunto de cartolinas, um para questões de múltipla escolha e outro para as questões verdadeiro ou falso (vide quadros 6 e 7).

Cada acerto vale 100km e deve ser registrado com um “x” ou pintando integralmente o quadrinho correspondente no placar. Cada erro corresponde a uma penalidade que já está escrita no placar, no caso de “volte 1 ou 2 casas” apagar-se-á o(s) quadrinho(s) já marcado.

Deve-se coibir qualquer tentativa de sabotagem ou trapaça punindo a equipe que comprovadamente fraudar o bom andamento da atividade com a suspensão por 3 rodadas ou desclassificação.

### Etapa 3: A corrida

Com sucessivas rodadas de perguntas a corrida vai sendo completada e o assunto vai sendo revisto e fixado de forma interativa e agitada. Os discentes são forçados a argumentar com o professor e/ou colegas quando há discordância entre a resposta escolhida com relação à Contabilidade de Custos.

Sugere-se que a primeira rodada seja de simulação para que as regras e a forma de proceder da técnica fiquem devidamente esclarecidas.

Modelo de questões 1 – Verdadeiro e Falso  
Exige para cada equipe um conjunto de cartões feitos de cartolina com o seguinte e formato e marcação:

V  VF  FV  FF

Os modelos de assertivas a seguir estão baseadas no capítulo 1 do livro Custos – planejamento, implantação e controle do Professor Leone

- 1) "A contabilidade de custos é uma atividade que se assemelha a um centro processador de informações, que recebe (ou obtém) dados, acumula-os de forma organizada, analisa-s e interpreta-os, produzindo informações de custos para diversos níveis gerenciais" (V)
- 2) "Índice ou indicador é a combinação de um dado monetário com um dado não monetário" (V)

Para a primeira rodada deste exemplo marcaria pontos a(s) equipe(s) que levantasse a cartolina  V

- 3) "A Contabilidade de custos colhe dados internos e externos, monetários e não monetários, todos sempre qualitativos" (F)
- 4) A Contabilidade de custos não cria dados; ela necessita desses dados originais que constituem sua matéria-prima e os relatórios são os produtos finais (V)

Para a segunda rodada deste exemplo marcaria pontos a(s) equipe(s) que levantasse a cartolina  FV

### Quadro 6 – Modelo de questões a ser aplicada na dinâmica

Modelo de questões 2 – Múltipla escolha  
Exige para cada equipe um conjunto de cartões feitos de cartolina com o seguinte e formato e marcação:

A  B  C  D  E

Os modelos a seguir bem como suas respostas têm sua fonte no Exame de Suficiência do Conselho Federal de Contabilidade do período 2003-1

1. O valor das Despesas Indiretas de Fabricação numa empresa industrial que teve os seguintes saldos no mês de fevereiro de 2003 é:  
Compras de Materiais Diretos R\$ 135.000,00  
Estoque Final da Conta Materiais Diretos R\$ 130.000,00  
Estoque Final de Produtos em Processamento R\$ 300.000,00  
Estoque Inicial da Conta Materiais Diretos R\$ 105.000,00  
Estoque Inicial de Produtos em Processamento R\$ 0,00  
Mão-de-Obra Direta R\$ 145.000,00  
a) R\$ 165.000,00    b) R\$ 155.000,00    c) R\$ 45.000,00    d) R\$ 20.000,00

Para a primeira rodada deste exemplo marcaria pontos a(s) equipe(s) que levantasse a cartolina  C

2. Uma empresa possui um custo fixo mensal pré-determinado no montante de R\$ 297.000,00. No mês de fevereiro de 2003 produziu 99.000 unidades de seu produto, incorrendo em R\$ 693.000,00 de custo variável. Se a produção tivesse sido de 74.250 unidades, o valor do custo unitário da produção seria de:  
a) R\$ 10,00    b) R\$ 11,00    c) R\$ 12,33    d) R\$ 13,33

Para a segunda rodada deste exemplo marcaria pontos a(s) equipe(s) que levantasse a cartolina  B

### Quadro 7 – Modelo 2 de questões a ser aplicada na dinâmica.

A cada rodada o docente indicará qual o piloto deverá responder, ou melhor, deverá apresentar a resposta da equipe. O piloto ficará de pé e terá um tempo estabelecido previamente para escolher a resposta junto com sua escuderia. Quando todos os pilotos já tiverem com suas respostas na mão mostram a todas as equipes e o docente apresenta a resposta correta, marca o "placar" (vide figura 8) no quadro de giz, quadro branco ou *flip-chart*, e em seguida faz algum comentário sobre a pergunta e a resposta no intuito de fixar o conteúdo e minorar as dúvidas que por ventura ainda existam.

| PLACAR               |                         |     |     |               |     |     |                 |     |     |                   |      |      |
|----------------------|-------------------------|-----|-----|---------------|-----|-----|-----------------|-----|-----|-------------------|------|------|
| Equipes↓             | Quilômetros percorridos |     |     |               |     |     |                 |     |     |                   |      |      |
|                      | 100                     | 200 | 300 | 400           | 500 | 600 | 700             | 800 | 900 | 1000              | 1100 | 1200 |
| Problemas na pista → | Pista com óleo          |     |     | Pit Stop      |     |     | Reabastecimento |     |     | Acidente na pista |      |      |
| Sanção →             | Volte 1 casa            |     |     | Pare 1 rodada |     |     | Volte 2 casas   |     |     | Pare 2 rodadas    |      |      |
| Benetton             |                         |     |     |               |     |     |                 |     |     |                   |      |      |
| Ferrari              |                         |     |     |               |     |     |                 |     |     |                   |      |      |
| Jordan               |                         |     |     |               |     |     |                 |     |     |                   |      |      |
| McLaren              |                         |     |     |               |     |     |                 |     |     |                   |      |      |
| Williams             |                         |     |     |               |     |     |                 |     |     |                   |      |      |

Quadro 8 – Tabela sugestiva de placar

### Etapa 4: A premiação

O professor deve deixar bem claro que o maior prêmio obtido é o conhecimento que foi adquirido e o momento de diversão e alegria no meio do saber e dos amigos. Além disso, pode-se oferecer balas, pirulitos, e/ou chocolates para os integrantes da equipe vencedora, mas nunca ofertar pontos na matéria, uma vez que estes não devem ser a finalidade do processo ensino-aprendizagem e sim um diagnóstico, uma consequência do 'aprender'.

Acima de tudo a técnica não pode terminar na premiação há a necessidade de uma avaliação e uma reflexão conjunta do significado da mesma.

### Etapa 5: A Avaliação reflexiva

O professor pede que todos reorganizem a sala em um semicírculo e lhes entrega um papel para que sejam feitas anotações.

A razão da escolha por este formato na disposição das cadeiras da sala é que nele é possível que todos vejam seus rostos, não há hierarquia e todos se sentem iguais e próximos, ou pelo menos à mesma condição de distância.

No papel sob o tempo de 5 minutos dado pelo professor os alunos escreverão suas impressões sobre a atividade recém-acabada: impressões pessoais; impressões sobre o assunto; pontos positivos; pontos negativos; e o que for pertinente. Quando se coloca no papel a idéia ela se torna mais clara e sucinta, evitando repetições e levando as pessoas à uma objetividade.

Findo os 5 minutos a discussão é aberta pedindo aos alunos que coloquem verbalmente suas idéias. Esta etapa vai revelar ao professor o que ele não percebeu e que foi aprendido pelos alunos. É uma etapa responsável por encerrar o conteúdo trabalhado, caso se detecte que ficou bem aprendido, ou retomar explicações para os pontos obscuros. Acima de tudo, vale destacar que o conteúdo é encerrado com ponto e vírgula e não com ponto final.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evolução na automação do processo produtivo das empresas, implica em novas atitudes de ensino e aprendizado da contabilidade de custos. Isso fica explícito no mercado de trabalho, pois esse exige cada vez mais que profissionais mais bem preparados estejam aptos a assumir suas funções, como o contador de custos.

É preciso ter consciência que o ensino da contabilidade de custos deve acompanhar esse processo de evolução do mercado econômico. O processo deste deve ter a incumbência de dotar o discente com conhecimento suficiente capaz de gerar e gerenciar informações de custos.

O ensino da contabilidade de custos atualmente deve ser entendido como um condutor de conhecimentos, sempre na vanguarda de seu tempo e pronto para responder a necessidades de seus usuários. Assim o ensino é considerado importante e essencial para os fins ao qual se destina.

O professor da disciplina de custos aliado em sua maneira de conduzir os ensinamentos é um elemento fundamental para conectar o tempo e o avanço tecnológico ao processo ensino-aprendizagem.

Sendo esta uma área de estudo contábil em franca expansão sustenta-se então a importância deste trabalho como um elemento de maior que traz à tona práticas aplicadas à teoria do ensino na Contabilidade de Custos.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Manual de técnicas de dinâmicas de grupo de sensibilização de ludopedagogia**. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

ABREU, Maria Célia de; MASETTO, Marcos Tarcisio. **O professor universitário em aula**. 10ed. São Paulo:MG Editores Associados, 1990.

BORDENAVE, Juan D.; PEREIRA, Aldair M. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 19ed, Petrópolis: Vozes, 1998.

CARVALHO, Célia P. de. **Ensino Noturno: realidade e ilusão**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CHIAVENATO, I. **Introdução à Teoria Geral da Administração**. 5ª ed. São Paulo: Makron Books, 1997.

FITA, Enrique C.; TAPIA, Jesús A. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz**. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1997.

GODOY, Marilda Schmidt. **Didática para o ensino superior**. São Paulo: Iglu, 1998.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.

\_\_\_\_\_, **Técnicas de Pesquisa: Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARION, José Carlos. **O ensino da Contabilidade**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2001.

NÉRICI, Imídeo Guisepe. **Didática: uma introdução**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1993.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PIMENTA, Selma Garrido. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SUPER, D. **Psicologia Ocupacional**. São Paulo: Atlas, 1972.

VASCONCELOS, Celso dos S. **Avaliação da aprendizagem: políticas de mudanças**. 4ª ed. São Paulo: Libertad, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escolhidas V: fundamentos de defectologia**. Madrid: Visor, 1997.